

**O LAR E O PALCO, NA ERA DO RÁDIO:  
A IDENTIDADE FEMININA  
EM A ESTRELA SOBE, DE MARQUES REBELO.**

*Jaqueline Maria Freitas* (UNIGRANRIO)

[jaqmaria17@gmail.com](mailto:jaqmaria17@gmail.com)

*Idemburgo Frazão* (UNIGRANRIO)

[professorifrazao@uol.com.br](mailto:professorifrazao@uol.com.br)

### **1. Introdução**

Neste artigo, será abordado o livro *A Estrela Sobe*, de Marques Rebelo. Tentar-se-á desvendar a personagem Leniza Máier, protagonista da trama, moça pobre e ambiciosa que, encorajada por seu Alberto, um inquilino da casa de sua mãe, D. Manuela, se aventura pelo universo do rádio na esperança de tornar-se uma estrela. A mãe é, na trama, quase uma “eminência parda”, pois, apesar de estar de forma secundária no romance, é claramente o vínculo de Leniza com os valores e a moral familiar.

A caminhada dessa aspirante a artista é pontuada por desacertos e nos revela um painel bastante comum no meio artístico dos anos 1930/1940, em que a ilusão de tornar-se famosa levava muitas mulheres a buscarem um caminho alternativo, onde o pouco talento podia ser compensado por um “apadrinhamento” de algum figurão que lhe abria portas.

Leniza na perspectiva deste estudo encarna dois papéis: o de ouvinte e o de rádio-atriz. E embora o romance não tenha o compromisso de ser uma fonte histórica, com o cuidado necessário inerente às peculiaridades da ficção, pode vir a sê-la, já que a ficcionalidade se embasa na verossimilhança. A pluralidade da figura de Leniza faz dessa personagem uma representação da mulher em a relação à cidade e aos conflitos urbanos. Era ao mesmo tempo a rádio-escuta e a artista, em ambos os casos uma sonhadora, uma mulher em busca de liberdade, em tempos em que ser esposa e mãe eram o ideal feminino.

De todos os personagens da trama, aliás, só se pode reconhecer nela uma maior profundidade psicológica, os demais não nos permitem inferir maiores compreensões, o que é muito comum em outro gênero literário: o conto. Neste, geralmente há uma concentração em poucos, ou em apenas um núcleo de enredo, com poucos personagens. Talvez esta

maior atenção à problemática da tentativa de “ascensão” de Leniza, tenha sido uma estratégia do narrador para que não nos desviássemos da personagem, para que ela não se perdesse de nós como se “perdeu” dele mesmo no fim do romance: “aqui termino a história de Leniza. Não a abandonei, mas, como romancista, perdi-a” (REBELO, 2001, p. 242).

## 2. *Uma estrela e seus troços*

Escrito em 1939, *A Estrela Sobe* é uma obra que representa bem o modernismo dos anos 1930/1940, a segunda fase, chamada pelo teórico Alfredo Bosi (2006, p.388) de “a era do romance brasileiro”, caracterizada não só pelo regionalismo amplamente abordado por Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Érico Veríssimo, mas também por uma tendência psicológica e crítica das relações sociais (caso de Rebelo):

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance *empenhado* desses anos fecundos para a prosa narrativa. (BOSI, 2006, p.389 – grifo do autor)

Bosi (2006, p. 390) também pontua que o “realismo psicológico bruto”, presente na produção literária dessa época, concorda com as mudanças sociais que se desenvolviam, tendo como questão mais aparente a dissolução do homem na massa. Característica bastante manifesta na protagonista da obra de Marques Rebelo, pseudônimo de Eddy Dias da Cruz (1907-1973) jornalista e cronista carioca. Sua Leniza se “dissolve” na personagem que criou de si mesma, a tal ponto que não consegue mais se recuperar.

Os aspectos citados acima são facilmente reconhecíveis na obra em estudo. A personagem principal é uma bela jovem que mora com a mãe em uma casa herdada da tia no bairro da Saúde, Região Central do Rio de Janeiro. Com o imóvel, também lhes é passado o “negócio” da tia, o aluguel dos quartos desocupados da casa (vagas) para homens solteiros, como fonte de renda. Neste ambiente, Leniza cresce. Apaixona-se por Astério, um dos inquilinos da casa, moço trabalhador que lhe desperta afeto e ciúme, mas que lhe propõe compromisso, algo a que Leniza se opõe veementemente. Ela começa a trabalhar em um laboratório farmacêutico da redondeza, de início rotulando e posteriormente vendendo tônicos e xaropes. Neste ofício conhece Oliveira, médico com a carreira es-

tagnada que lhe demonstra muito amor, mas a ela também não interessa-va sua proposta de vida, que envolvia casamento.

Sempre considerando que o trabalho com os xaropes era pouco, Leniza queria mais. Caiu-lhe como uma luva o incentivo do Sr. Alberto, outro inquilino de sua mãe, que tinha por hábito tocar violão à tardinha, pedindo à moça para acompanhá-lo cantando, rotina que plantou no coração de Leniza a semente do desejo de ser cantora. Embriagada por este sonho, a jovem escolhe Mário Alves, homem casado com quem se relaciona com a intenção de ser apresentada a alguém que lhe possa favorecer em uma carreira no rádio, como meio para conduzi-la à sua realização.

Há, no episódio do envolvimento com Mário, certa ingenuidade por parte de Leniza. Ele é apenas um vendedor de aparelhos de rádio, um representante que, de imediato, percebe a verdadeira razão da aproximação da moça e, mesmo sabendo que sua relação com o meio radiofônico não era tão influente, não desfaz o engano, antes, aproveita-se dele para iludi-la.

Por meio deste amante, Leniza é apresentada a Porto, que a insere no mundo da Rádio Metrópolis, transmissora em franca decadência que a contrata, prometendo um salário que nunca chega a lhe pagar. Lá, Leniza conhece vários artistas, entre eles Dulce, cantora com quem tem um caso em troca de seus conhecimentos no meio e também de dinheiro, o qual Leniza simula, para a mãe e demais conhecidos, estar ganhando com seu trabalho na rádio.

Sua caminhada culmina no envolvimento com o fabricante de calçados Amaro Santos, de quem engravida. Ao descobrir o que se passa com a amante, Amaro deixa-lhe algum dinheiro e desaparece. Leniza aborta a criança, ficando muito doente com as complicações desse procedimento. Quando melhora, é abandonada pela mãe que a esta altura já tinha conhecimento das involuções da filha na busca pela fama. Acaba sozinha, à porta de uma igreja que, fechada, lhe dá a impressão de que nem o céu a acolhe.

Encontramos no antigo samba de Mauro Duarte (1930-1989), chamado “Lama” (1976), uma descrição sucinta dessa trajetória. Se a canção foi inspirada ou não na obra, não chegamos a avaliar, porém, seus versos vão ao cerne da questão levantada pelo livro: para “subir” Leniza “desceu”:

Pelo curto tempo que você sumiu  
 Nota-se aparentemente que você subiu  
 Mas o que eu soube ao seu respeito  
 Me entristeceu [sic] ouvir dizer  
 Que para subir você desceu, você desceu  
 Todo mundo quer subir  
 A concepção da vida admite  
 Ainda mais quando a subida  
 Tem o céu como limite  
 Por isso não adianta estar no mais alto degrau da fama  
 Com a moral toda enterrada na lama

Há muita sutileza permeando todo o livro. O trabalho na “Rádio Metrópolis” no programa “Cidade Encantada” reforça a influência do rádio na cidade e, conseqüentemente na vida da personagem. A mudança para uma emissora maior, a “Continental” traduz ideia de maior dimensão para a artista, de maior abrangência de pessoas e, nesse contexto, de melhoria de vida.

A escolha dos nomes das personagens é outro ponto a ser observado. O da protagonista possui significado sugestivo: Leniza < do hebraico “manso”, que originou o adjetivo latino *lenis*, -e<sup>98</sup>: macio, doce, agradável, ameno, afável; *Fig.* Inocente, inofensivo. Não é difícil reconhecer a essência da personagem pelo significado de seu nome, pois, embora tivesse muita ambição e quisesse subir na vida “custasse o que custasse” – expressão presente no discurso da personagem em diversas passagens do texto – demonstrava muita ingenuidade perante a vida.

Os significados *sui generis* dos nomes dos demais personagens do romance seguem a mesma lógica, tendo relação direta ou aludida, e em certos casos até irônica, com o papel dessas pessoas na vida da personagem central da trama. É importante destacar este aspecto, lembrando os antigos hebraicos, para quem o nome da pessoa (ou coisa) representa seu caráter, sua essência, fato que podemos constatar no velho testamento, em que cada personagem tem sua história ligada ao significado do seu nome. Também o pensamento platônico<sup>99</sup> considera que, para se conhe-

<sup>98</sup> Todas as referências a termos latinos foram extraídas de Saraiva (2006).

<sup>99</sup> A referência dessa afirmação está nos *Diálogos VI*, obra na qual Platão expõe seu pensamento na fala de Sócrates (a obra é toda em discurso direto) no momento em que este é chamado a intermediar um debate entre Crátilo e Hermógenes, que defendem respectivamente a teoria do naturalismo e do convencionalismo, no que se refere a nomear as coisas. Os dois discutem suas teses, pedindo que Sócrates intervenha para resolver a discussão. Sócrates não se coloca em nenhum dos lados (como de hábito), mas instiga os debatedores a pensar, com a afirmação de que quem conhecer os nomes, conhece também as coisas.

cer verdadeiramente alguma coisa, é preciso conhecer o significado de seu nome.

Fizemos o seguinte quadro para melhor exemplificar o que verificamos na obra de Rebelo, com base nessa teoria:

Nome	Origem	Significado
Astério	Latim > áster, -eris	estrela (astro)
Alberto	Germânico	brilhante, ilustre
Amaro	Latim> amarus, -a, -um	amargo, desagradável, triste
Dulce	Latim> dulcis, -e	doce, agradável
Mário	Latim> mas, -aris	Viril
Manuela	Hebraico – masc. Immanuel	Deus conosco
Porto	Latim > portus, -us	passagem, abertura, entrada
Oliveira	Latim > olivetum	árvore símbolo da paz e da ciência

As figuras dramáticas que gravitam no universo de Leniza possuem, decerto, nomes que indicam a relação com o papel que representam em sua vida. Pelas coincidências, certamente não foram escolhas ao acaso: o envolvimento conflituoso com Astério nos daria uma prévia do que seria a relação da jovem com o estrelato; o incentivo dado por Seu Alberto despertou-lhe o sonho de ser famosa (ilustre); o desprezo pela paz oferecida por Oliveira; o envolvimento com Mário, que nada mais queria além de sexo; o juízo moral de D. Manuela, perturbando-lhe a consciência; a mediação de Porto em seu favor no ambiente da rádio; o amor oferecido por Dulce e a desilusão trazida por Amaro, confirmam a analogia apresentada no quadro acima.

A protagonista também representa uma parcela de mulheres motivadas a trabalhar devido às limitações financeiras da família, no seu caso, dificuldades que foram agravadas pela morte do pai. Devemos levar em conta que a mulher do final dos anos 1930, época retratada no romance, ainda não estava completamente liberta da mentalidade burguesa que valorizava o casamento e mantinha a mulher no espaço privado.

Leniza representa o contraste da mulher que busca um caminho fora do ambiente familiar, em paradoxo ao temperamento mais tranquilo de sua mãe, sempre tão resignada a casa. No espaço público, ela se sente poderosa e a cidade, em certo ponto, a personifica: iluminada, movimentada, moderna... Leniza despreza o lugar pobre de onde vem e se encanta com o mundo que a saída do ambiente familiar, seja a trabalho ou para diversão, lhe fez descobrir:

O comportamento de Leniza apresenta diferenças fundamentais em casa ou na rua. Ela é, ao mesmo tempo, a menina da classe média baixa que segue,

em casa, os valores da moral familiar, e a mulher que se prostitui para tentar alcançar o estrelato. Leniza é o bem/mal, a família/prostituição: ela contrasta o público e o privado, a casa e a rua. (SCARAMELLA, 2007, p. 52)

Talvez por isso a ideia de ser rádio-atriz tenha falado muito alto na personagem. A possibilidade de ser outra pessoa, de fazer parte de outra esfera social – diferente da que pertencia – e de ganhar dinheiro a agradava, muito embora o conceito moral sobre as mulheres que trabalhavam no rádio não fosse muito positivo, aliás, pensava-se mal das trabalhadoras de forma geral, mas com as cantoras e atrizes era um pouco pior, pois, na época, muitas pessoas nem consideravam os artistas trabalhadores.

Este julgamento fica bastante evidenciado na fala de Seu Mendes, dono do laboratório farmacêutico onde Leniza trabalhava, na ocasião de seu pedido de demissão, quando comunica sua saída para cantar no rádio: “[...] ele (o patrão) colocava os poetas, os escritores, os músicos, os pintores, todos os artistas, em suma, numa única categoria – a dos malandros [...]” (REBELO, 2001, p. 94). O juízo do chefe, contudo, não preocupava em nada a nossa heroína, pois era de seu temperamento gostar de subverter.

### 3. *Dentro e fora da “caixa”*

No final dos anos 1930, o rádio ainda era um bem muito caro. Apenas algumas residências possuíam aparelhos receptores. Era comum as pessoas ficarem nas janelas das casas para ouvir o rádio dos vizinhos, caso da mãe de Leniza, D. Manuela, que, ao saber da audição da filha para aquela noite, preparou-se: “– Eu vou ouvir na casa de Dona Antônia” (REBELO, 2001, p. 128).

Como ouvinte, Leniza nunca se contentou com o “desgraçado de fanhoso” rádio do vizinho e a estreia no rádio fez com que ela decidisse dar um aparelho à sua mãe. Vai ao escritório de Mário Alves “comprar” um receptor. Ele, contrariado, faz tipo e diz que lhe dará um rádio à sua escolha, porém, não entrega o rádio novo que a amante reserva, mas, outro igual, usado, que havia na oficina da loja. O detalhe não fora percebido pela mãe da moça, para quem o equipamento tratava-se de uma maravilha, mas, *a posteriori*, tal fato seria citado por Leniza em uma discussão (a última) com Mário:

Você é imundo, repelente, Mário! Em tudo, em tudo. Até dormindo. Pensa que eu não sei o que você disse de mim ao Porto?! Pensa que eu não sei que

o rádio que você me mandou era de segunda, de terceira, de quinta mão?!... (Foram as únicas palavras que Mário sentiu naquela catadupa toda. Mas nem tentou contestá-las. Porque afinal estava livre. Livre por pouco preço...). (REBELO, 2001, p. 168-169)

Mesmo em uma época em que se praticava muito o chamado “pistolão” (pessoas de alta posição que indicam “protegidos” para vagas em programas), a maioria das cantoras do rádio, diferentemente de nossa personagem, tinha sua primeira chance através dos programas de calouros, muito comuns no início dos anos 1930. O formato desses programas era idêntico aos similares americanos e atendia a duas demandas: entretenimento e descoberta de novos valores:

Esses programas revelaram talentos como Violeta Cavalcante, Zezé Gonzaga e a “rainha do baião” Carmélia Alves, que imitava como caloura a cantora Carmen Miranda e, por isso, foi escolhida por Cesar Ladeira para ocupar o lugar da pequena notável na Mayrink Veiga. (TESSER, 2009, p. 3)

Um episódio interessante sobre as cantoras reveladas em programas de calouros teve como protagonista a cantora Aracy Telles de Almeida (1914-1988), a quem muitos de nós tivemos a chance de ver na década de 1980, na televisão, como uma ranzinza jurada de calouros no programa do também oriundo do rádio, Silvio Santos (1930-). Moradora do subúrbio do Encantado, Aracy de Almeida (foto 1) foi descoberta aos 15 anos pela Rádio Educadora do Rio de Janeiro. A cantora encontrou alguma resistência por parte dos pais, que eram protestantes, em seguir a carreira artística, pois eles temiam a opinião dos vizinhos acerca do trabalho da filha (TESSER, 2009, p. 3). Dizem até que ela saía muito cedo de casa para não ser vista e, por sempre andar de trem para ir aos ensaios, ganhou dos colegas de rádio o apelido de “Dama da Central” (do Brasil).



**Foto 1:** Aracy de Almeida em seu início no rádio.

Disponível em: <<http://www.collectors.com.br/CS06/cs06a01a.shtml>>

Aracy de Almeida mudou-se para São Paulo nos anos 1950, voltando esporadicamente ao Rio de Janeiro para fazer shows. Entretanto, quando adoeceu, pediu para passar seus últimos dias em sua cidade natal.

De volta à nossa personagem, em sua caminhada para a fama, Leniza contou com atributos pessoais poderosos, que lhe serviram de moeda de troca: a sensualidade crua e a falsa esperteza com fortes tons de malícia, reveladas em diversos momentos no correr da narrativa:

Leniza perdeu o tom ingênuo que ainda podia ter. Ganhou um jogar de corpo que convida, um quebrar de olhos que promete tudo, à toa, gratuitamente. Modificou-se o timbre de sua voz. Ficou mais quente. A própria inteligência se transformou. Tornou-se mais aguda, mais trepidante. Tinha respostas para tudo, respostas engraçadas, revelando mais cinismo que ironia. (REBELO, 2001, p. 18)

O corpo curvado mostrava uma elasticidade perfeita, maravilhosa, tinha qualquer coisa de animal, de égua de corrida, de ancas duras e lustrosas – era um perturbador convite! (p. 49)

Ela está de pé, nua, sem pudor. O vento do mar bate mais forte. Ela se arrepia mais, se encolhe, agasalhando os seios com os braços. Dura um segundo a posição. [...] Mário Alves acompanha-lhe os movimentos, rolando na cama desmanchada. (p. 142)

Rebello dá a sua protagonista, aspectos de zoomorfismo: uma sensualidade animal, pungente e consciente, o que pode nos remeter aos romances do realismo-naturalismo brasileiro, como *A Carne*, de Júlio Ribeiro e, mesmo *O Cortiço*, com sua sensual personagem Rita Baiana. O despertar para essa sedução, aliás, contrasta com a imagem de boa moça que Leniza encenava para a mãe. Esta, por sua vez, fazia “vistas grossas” para as chegadas fora de hora da filha, questionando-a, muito raramente, em relação a suas companhias e sempre acatando suas vagas explicações.

No fundo, a própria Leniza interrogava-se sobre seu caráter, sua natureza dúbia, principalmente quando se deitou com Mário em troca do emprego no rádio, momento em que se vê com repugnância: “Sentia-se miserável, imunda, escória humana, campo de todos os pecados, lama, pura lama. Mas subira. Dois ou três degraus na escada do mundo” (REBELO, 2001, p. 169). O desprezo por si mesma, porém, não foi permanente, tanto que seus envolvimento posteriores seguiram o mesmo perfil.

É cada vez mais clara a figura da ascensão de Leniza na carreira, marcando o abandono de seus valores, em semelhança com a cidade do Rio de Janeiro que, na ocasião, anos 1930/1940, se submetia às influências de uma urbanização acelerada, fruto da sociedade de consumo incipiente:

Leniza e o Rio são, portanto, o mesmo símbolo. O símbolo da cidade que admite novos valores e costumes para se alçar o status de metrópole: e o sím-

bolo da mulher que deixa o espaço doméstico, e é, tal como a cidade, esmagada pelos novos valores e estilo de vida que adota. (SCARAMELLA, 2007, p. 52)

Perseguindo a idealização de cantora, Leniza fingia ser o que não era, gastava muito mais do que ganhava e, como em um círculo vicioso, sempre precisava recorrer aos amantes: Dulce, Porto, Amaro, para conseguir saldar suas dívidas e sustentar sua farsa.

Então, vemos nossa protagonista saindo da prisão que era sua vida simples na Saúde para entrar em outra. Estava presa a uma “caixa”, que era a vida no ambiente do rádio e, por analogia, o próprio. A suposta liberdade conquistada volta-se contra ela e confunde-se com devassidão. Não seria livre nem num espaço (rádio) nem no outro (casa), pois em ambos representava.

Para convencer a todos que estava melhorando de vida, a moça precisou sair do ambiente onde morava. Alugou um apartamento no Centro (Rua do Riachuelo), levando consigo Seu Alberto e D. Manuela. A mudança, geograficamente falando, nem era tão expressiva, já que o bairro onde Leniza residia anteriormente (Saúde), também era na região do Centro. Mas o novo tipo de moradia, um apartamento, representava no fim dos anos 1930, época da verticalização das cidades, a expressão da modernidade e dava à Leniza uma impressão de mudança que ia além da transferência de um lugar para outro. O distanciamento da comunidade e de tudo que o lugar de origem significava, também foi muito representativo para a personagem.

A mãe demonstrou preocupação com os gastos excessivos e com as contingências que a nova morada traria para o orçamento, mas Leniza contava com Dulce para ajudá-la com os novos gastos, embora visse a necessidade de tirá-la de seu caminho: “Quanta coragem precisara reunir para fazê-lo!” (p. 180), pois sua mira naquele momento já estava voltada para Amaro:

Usava as mesmas palavras com que Dulce a animara: *é a vida! E nunca mais vira Dulce. Saíra do apartamento dela disposta a se aguentar na vida *custasse o que custasse*: iria se entregar ao tal dono da fábrica de calçados (REBELO, 2001, p. 180 – grifo nosso).*

A nova “escada” a conduziu à porta de saída da Rádio Metrópolis, que se tornou um ambiente desconfortável devido ao seu término com Porto (com quem estava mantendo um relacionamento íntimo, com a condição de ser apresentada a Amaro e por quem até nutria algum sentimento), mas a levou à Continental, estação mais importante e onde Leni-

za, finalmente, viria a experimentar o sucesso que almejava: entrevistas, capa de revista, pedidos de música, convites para apresentações, gravações. O novo amante, contudo, era, aos seus olhos, odioso:

[...] passadas as primeiras sensações de entusiasmo pelo sucesso alcançado na nova estação, caiu numa profunda depressão. Sentia-se, como nunca, desarvorada e infeliz. Amaro aborrecia-a. Achava-o odioso com os seus “meu anjo”, “meu amorzinho”, com a sua papada vermelha, seus momentos lúbricos, suas mãos que pareciam queimar como ferro em brasa, que davam a impressão de deixar-lhe no corpo uma marca ignominiosa como a marca feita a fogo nos escravos e nos animais (REBELO, 2001, p. 193).

Mesmo tendo o que sempre desejou, Leniza sentiu-se escravizada. A mãe se distanciava dela um pouco mais a cada dia, até que lhe contou sobre o recebimento de uma carta onde os pormenores de sua caminhada para a fama foram revelados. Leniza desconfiou de Dulce, a quem destratou por telefone. A partir daí, sua trajetória passa a ser cadente: descobre que está grávida e faz um aborto, que a deixa muito debilitada.

Vale destacar que o aborto era um tema tratado com grande reserva pela sociedade dos anos 1930. O autor foi ousado ao tocar neste assunto com certa naturalidade, pois embora não fosse algo desconhecido, era evitado, por trazer à tona a questão da sexualidade feminina, até então reprimida, mas que já começava a se liberar. A construção da personagem dá muitas pistas para a compreensão das mulheres nessa década. Entende-se que havia sexualidade, mas com muito sigilo. Uma gravidez sem casamento era inaceitável.

D. Manuela, ao ver que a filha se recuperou do aborto, vai embora. Ao perceber-se sozinha, Leniza tenta buscar o passado em Oliveira que, ironicamente, receita a ela um fortificante, dos mesmos que engarrara em tempos idos, no laboratório onde trabalhou. Ela não consegue entrar na igreja do Rosário, que procurou como redenção, e acaba caminhando para a Rádio Continental, destino que escolhera e do qual não conseguiria retornar. Esta passagem insinua a leitura de que a cura de Leniza estaria na volta à vida de operária, mas que sua “alma” já havia sido tomada pelo rádio e pelos novos tempos que este representava.

A estrela não se arrepende das coisas que a levaram à condição de solidão em que se encontra, mas percebe-se, no confuso discurso final, um tom melancólico e uma profusão de lembranças do passado que fazem Leniza pensar que tudo poderia ser diferente. É uma angústia que, contudo, não a modifica, uma vez que o autor não tende para o romantismo que redime. Este sentimento aproxima-se mais do sentido freudiano

no de luto e perda<sup>100</sup>, algo que faz parte da vida e contra o qual não há muito a ser feito.

Há que se lembrar que a construção da personagem passa pelo olhar masculino do autor e, por mais isento que este queira ser, nos influencia em relação à imagem que fazemos dessa mulher. Em vários momentos, pode-se notar um tratamento moralista, embutido no discurso do subconsciente de Leniza, como se fosse uma contrição tardia ou, em outra interpretação, mero reflexo da rigidez de preceitos da época.

É certo que o destino da Leniza não seria o casamento, já que o lugar onde fora criada, uma casa de cômodos, não lhe daria a base familiar sólida o suficiente para isso, o que poderia justificar sua amoralidade, mas também pode significar um traço de determinismo herdado dos realistas por Rebelo.

A história de Leniza, entretanto, poderia ser a história de muitas cantoras de sua época, salvo alguns aspectos dramáticos escolhidos pelo autor para manter a tensão e prender a atenção do leitor. Várias meninas simples, operárias, suburbanas, sonhadoras, também buscaram mudar sua sorte pela arte como nossa heroína. As famosas Rainhas do Rádio foram um exemplo disso. O concurso, realizado de 1937 a 1958, elegeu ao todo dez “rainhas”: Linda (de 1937 a 1947) e Dirce Batista (1948), Marlene (1949-1950), Dalva de Oliveira (1951), Mary Gonçalves (1952), Emília Borba (1953), Angela Maria (1954), Vera Lúcia (1955), Dóris Monteiro (1956-1957), Julie Joy (1958) e alçou à nobreza por meio do voto popular (ou do patrocínio de indústrias) essas jovens e talentosas mulheres. O principal mérito do concurso foi transformar definitivamente as vidas das cantoras de rádio.

Algumas “Lenizas” da vida real tiveram êxito, outras nem tanto. Dessas histórias, nos surpreendeu particularmente a da cantora Carmen Miranda (1909-1955). Expoente internacional nos anos 1930 a 1950, a artista possui em sua trajetória artística um histórico que em muito nos lembra a personagem de Rebelo e chega a ser citada na trama, como parte de um diálogo entre Leniza, Seu Alberto e D. Manuela, em meio aos sonhos da protagonista, que pensa na futura carreira:

---

<sup>100</sup> Para Freud, o luto é um estado do “eu” em que o sujeito se vê excluído de uma realidade pela perda ou abandono de um objeto que possui grande significado em sua vida. Este objeto pode ser uma pessoa, um ideal ou até uma abstração. Por estar presente desde o nascimento, o luto faz parte da vida, embora seja um processo enfrentado pelos indivíduos com resistência e sofrimento.

Seu Alberto achava que seria bom ela tentar. Ir a uma estação, cantar para eles ouvirem... Voz tinha. Graça também. Quem sabe? Ia falando, falando... [...] Leniza não ouve – sonha. Ela cantando. Ela ouvida pela mãe, por seu Alberto, pelo vizinho, por todo mundo. Ela ganhando dinheiro, muito dinheiro, ela se vestindo bem, cotada à beça, com retrato nos jornais todos os dias. Seu Alberto só chama Leniza de senhora, de dona:

– A senhora também não acha, Dona Leniza?

Leniza acorda:

– O quê?

– Que não há outra como a Carmem Miranda.

– Que dúvida! (REBELO, 2001, p. 31)

Filha de imigrantes portugueses (o pai de Leniza também era imigrante, só que alemão), Maria do Carmo Miranda da Cunha (foto 2), veio para o Brasil com menos de um ano de idade. A família instalou-se no Centro do Rio de Janeiro, onde o pai montou uma barbearia e a mãe uma pensão (a mãe de Leniza tinha uma casa de cômodos). O apelido Carmen deveu-se ao gosto que o pai tinha por óperas. A menina começou a cantar por influência da irmã mais velha (Leniza seria influenciada por um amigo), Olinda (1907-1931), que percebeu que seu canto atraía a clientela. Na adolescência, Carmen trabalhou em duas lojas vendendo chapéus e gravatas: a Maison Marigny e La Femme Chic (Leniza também fora vendedora).

A vivência na chapelaria pode ter influenciado a indumentária da artista, cujos excessos, lembram o teatro grego<sup>101</sup>: na altura dos sapatos, nos colares, nos turbantes, que, além de diferenciá-la enquanto figura, tinham o efeito de aumentá-la, tanto na estatura (tinha 1,53m de altura), quanto na amplitude cênica. Alguns críticos argumentam que seu exotismo era mais um reforço à imagem que se fazia da América Latina, sendo ela a personificação das “repúblicas das bananas”. Uma coisa ou outra, seu estilo virou referência de moda e ousadia, sendo ícone até nos dias atuais.

---

<sup>101</sup> No teatro grego, com o objetivo de ganhar volume para sua imagem, o ator usava grandes máscaras, para que fosse visto por toda a plateia. Um traço dessa prática foi preservada nos palhaços, que desenham a boca e os olhos muito maiores que os seus e usam roupas largas e sapatos grandes, para que sua figura se destaque no palco.

Foto 2: Carmen Miranda<sup>102</sup>

Em reportagem do *Estadão* por ocasião do 70 anos do livro de Rebelo no ano de 2009, o jornalista Francisco Quinteiro Pires comenta<sup>103</sup>:

Em “A Estrela Sobre”, percebe-se a influência do estelato de Carmen Miranda, que monopolizou a atenção dos ouvintes. Como Leniza, ela se criou no Centro, na Lapa mítica dos malandros e músicos, onde aprendeu em gírias e testemunhos, a malícia da vida. Mas, ao contrário de Leniza, Carmen conquistou a independência, além do sucesso internacional. O fim é parecido, ambas tiveram que lidar com dilemas morais, como o aborto, e foram trituradas pela indústria de sonhos do showbiz – na conta de Carmem, o cassino, o teatro e o cinema podem ser incluídos como moedores de carne e espírito. Rebelo mostrou que o sucesso atual se transforma em tragédia futura. (*Estadão*, 13-06-2009)

Carmem Miranda conheceria o sucesso em 1930, com a marcha “Para Você Gostar de Mim” (Taí) e a partir daí não pararia mais, participando do teatro de revista, cinema, rádio e até televisão. Em 1933, fez sua primeira turnê internacional a Buenos Aires, onde ficou um mês. Em 1936, a cantora estrelaria o filme “Alô, Alô, Carnaval!”, numa das cenas está o antológico número com sua irmã Aurora Miranda (1915-2005), em que cantam “Cantoras do Rádio”.

Em 1939 foi vista no Cassino da Urca<sup>104</sup> pelo empresário americano Lee Shubert (1871-1953) e pela atriz Sonja Henie (1912-1969) que

---

<sup>102</sup> Disponível em: <[star-spangledheart.blogspot.com](http://star-spangledheart.blogspot.com)>

<sup>103</sup> Jornalista brasileiro. Trabalhou nos Jornais o Estado de São Paulo, na Folha de São Paulo e nas Revistas CULT, BRAVO! e SUPERINTERESSANTE. Atualmente trabalha no Sistema de Comunicações Globo.

a convidaram para uma turnê em um transatlântico, assinando contrato com ela ainda na viagem. Havia por parte de Carmen, contudo, uma exigência: o Bando da Lua teria de ser contratado também. Formado no início dos anos 1930, o grupo era composto inicialmente por Aloysio de Oliveira (1914-1995, violão e vocal), Hélio Jordão Pereira (1914-1999, violão), Osvaldo Éboli – o Vadeco (1912-2002, pandeiro), Ivo Astolpho (s.d., violão tenor e banjo) e pelos irmãos Afonso (1913, ritmo e flauta), Stênio (1909, cavaquinho) e Armando Osório (s.d., violão), que acompanhavam Carmen desde o início.

Exigência atendida, Carmen apresentou-se até na Casa Branca para o presidente Franklin Roosevelt (1882-1945) e só voltaria ao Brasil um ano depois de sua ida aos Estados Unidos, momento em que seria laureada por uns e criticada por outros, estes de correntes políticas contrárias aos norte-americanos.

Com muitos namorados no currículo, tal como a personagem do romance, Carmen Miranda casou-se com David Alfred Sebastian (1908-1990) no ano de 1947. Longe de ser o ideal de felicidade, o casamento enfrentou problemas já nos primeiros meses, com brigas por ciúmes e traições do marido. Entretanto a artista se recusava a desquitar-se, permanecendo casada até o seu falecimento. Ficou grávida em 1948, mas após uma apresentação sofreu um aborto espontâneo, aumentando suas crises depressivas. Seus biógrafos concordam que o casamento marcou a decadência moral e física de Carmen. A agenda estafante a que o marido, que também era seu empresário, a submetia, fazia com que consumisse drogas estimulantes e antidepressivas, na época vendidas sem muito controle nos Estados Unidos.

Em dezembro 1954, após anos morando no exterior, Carmen retornou ao Brasil, onde foi diagnosticada dependente química. Submeteu-se a um tratamento de desintoxicação por quatro meses, mantendo-se hospedada no Copacabana Palace, o que a recuperou levemente. Com a melhora, logo voltaria à agenda atribulada, ao álcool e aos remédios, que

---

<sup>104</sup> O Cassino da Urca foi um famoso clube noturno carioca, localizado no bairro da Urca, zona sul do Rio de Janeiro. Além dos bem frequentados salões de jogos, o lugar também possuía um teatro onde eram apresentados shows com os maiores nomes da época. Conheceu o apogeu entre os anos de 1936 e 1946, tendo como visitantes: Walt Disney, Orson Welles e outras personalidades de projeção internacional. Políticos da época também desfilavam em seus salões, acompanhados de suas amantes. Após o fechamento, abrigou a antiga TV Tupi Rio (1951 -1980). Hoje, parte do prédio encontra-se em ruínas, uma grande injustiça a esse importante lugar da memória nacional.

culminariam, meses depois, em um ataque cardíaco, no dia 05 de agosto de 1955, levando-a a óbito, em sua casa, na cidade de Beverly Hills.

O Repórter Esso, em edição extraordinária, seria o primeiro a falar da morte da “pequena notável” e seu enterro no cemitério São João Batista, zona sul do Rio de Janeiro, foi acompanhado por aproximadamente meio milhão de pessoas. Um “estado emocional coletivo” (ORTIZ, 1991, p. 116) como só os meios de comunicação de massa, nesse caso representados pela artista, eram capazes de produzir.

Ao fazermos uma ponte entre Leniza e Carmen Miranda, identificamos um tom profético na obra literária. Essas duas mulheres seriam contemporâneas, sairiam de condições humildes pelas benesses do rádio, mas alguns dos dilemas vividos por Carmen, mesmo que semelhantes aos de Leniza foram posteriores à obra, a exemplo do aborto, que diferentemente do que ocorreu a esta, em que foi provocado, naquela foi espontâneo.

Ironicamente o destino de Leniza ficou em aberto no fim do livro, diferente do de Carmen que é histórico. Mas nada impediria um término parecido para nossa estrela da ficção. Ambas, teriam sido consumidas, dissolvidas, esmagadas pela indústria que ajudaram a movimentar.

*A Estrela Sobe* retrata uma sociedade ainda presa ao passado no que se refere aos valores tradicionais, mesmo que de olho na modernidade e fortemente influenciada pelo rádio. Os conflitos internos e coletivos, tanto do lado dos homens, que assistiam a uma mudança comportamental feminina com receio e espanto, quanto do lado das mulheres, que ainda tentavam ampliar seu espaço, conviviam com aspectos políticos que falavam alto e em ondas curtas<sup>105</sup>, mudando o aspecto da sociedade brasileira no entre guerras.

#### 4. Considerações finais

A interpretação de Marques Rebelo para a época retratada no romance permite-nos entrever as mudanças pelas quais passou a cidade do Rio de Janeiro e a sociedade carioca nos anos 1930/1940 – personificadas em sua Leniza – e a participação do rádio nessa construção, que foi além do aspecto tecnológico e das comunicações. Na verdade, este meio

---

<sup>105</sup> Curiosamente, as chamadas “ondas curtas”, são na verdade as de mais longo alcance e as que de fato proporcionaram a chegada do rádio a localidades distantes.

em muito contribuiu para o redimensionamento da atuação feminina na sociedade, seja como o alvo das campanhas de publicidade, seja como artista (contribuindo para uma maior valorização desta categoria de trabalho) e permitiu à mulher um novo olhar sobre si mesma, ainda que, através dos caminhos percorridos por nossa “heroína”, percebamos o alto preço que elas teriam a pagar caso optassem por um destino diferente do ideal de esposa e dona de casa tão valorizado nesses tempos. As cantoras, atrizes e rainhas do rádio significaram uma quebra de paradigma e uma nova configuração identitária para o feminino, um rompimento com valores tradicionais que Rebelo soube tão bem nos mostrar ao caracterizar sua protagonista, a quem o leitor talvez não chegue a amar, mas que nem de longe conseguirá odiar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss ilustrado música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. Versão on-line disponível em: <[www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br)>. Acesso dia: 02-01-2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

REBELO, Marques. *A estrela sobe*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. *As rainhas do rádio: símbolos da nascente indústria cultural brasileira*. São Paulo: SENAC, 2009.

SARAIVA, Francisco R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. São Paulo: Garnier, 2006.

SCARAMELLA, Renata R. *Marques Rebelo: um modernista carioca e esquecido*. Rio de Janeiro: 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, Instituto de Letras.

TESSER, Tereza C. *De passagem pelos estúdios*. A presença feminina no início do rádio no Rio de Janeiro e São Paulo. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/sipec/ix/trab07b.htm>>. Acesso em: 04-05-2011.

#### PÁGINAS DA INTERNET

<<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-leniza-so-queria-ser-livre-e-amar,386528,0.htm>>. Acesso em: 21-01-2013.

<<http://www.star-spangledheart.blogspot.com>>. Acesso em: 03-01-2013.

<<http://www.collectors.com.br/CS06/cs06a01a.shtml>>. Acesso em: 03-01-2013.